

Arte contemporânea pega fogo em Londres

Incêndio em depósito na capital inglesa destrói centenas de peças dos mais importantes artistas britânicos

Fernando Duarte

Correspondente • LONDRES

O prejuízo equivalente a R\$ 250 milhões é pouco diante do fato de que 50 anos de arte britânica foram reduzidos a cinzas no incêndio que na noite de terça-feira destruiu um depósito de obras de arte em Leyton, no leste de Londres. Centenas de peças foram destruídas, incluindo mais de cem pertencentes à coleção do milionário Charles Saatchi, que desde os anos 1990 é o maior mecenas das artes britânicas — a galeria batizada com seu sobrenome é uma das atrações mais visitadas de Londres. Trabalhos de consagrados artistas britânicos, como Damien Hirst, Tracy Emin e Rachel Whiteread, que recentemente expôs no Rio, também se perderam, sem falar em 50 obras do abstracionista Patrick Heron. Até ontem, não havia uma ideia exata dos danos totais, uma vez que o armazém destruído era imenso, quase do tamanho de um campo de futebol.

Empresa guarda obras da Tate e da National Gallery

A causa do incêndio ainda é desconhecida — especialistas de seguradoras disseram que será impossível chegar a uma conclusão precisa do que aconteceu. A Momart, companhia responsável pelo armazenamento das obras de arte e que tem clientes ilustres como a National Gallery, a Tate Modern e a Tate Britain, não forneceu informações completas sobre quem perdeu o quê, alegando acordos de confidencialidade com os proprietários.

Mas sabe-se que, entre os trabalhos destruídos, estavam ainda "Hell" (Inferno), instalação



"HELL", INSTALAÇÃO de Jake e Dinos Chapman, com mais de cinco mil miniaturas: perdida nas chamas

dos irmãos Jake e Dinos Chapman, avaliada em R\$ 2,5 milhões, que, ironicamente, acabou consumida pelas chamas.

— Acredito que Deus tenha sido o responsável por tudo isso. Numa escala de 1 a 10, este voto aborrecido ao 11º grau — disse Jake Chapman, que, ao lado do irmão, usou mais de cinco mil miniaturas, incluindo esqueletos, soldados nazistas e monstros, em "Hell".

Hirst, um dos artistas contemporâneos mais festejados da Grã-Bretanha e da Europa (uma de suas gravuras foi enviada a Marte, como parte do fracassado projeto da sonda Beagle 2, que se perdeu), foi um dos que mais sofreram com o incêndio. Além de 16 quadros de sua coleção terem sido destruídos, ele ainda soube que "Charity", uma escultura em bronze de seis metros de altura, recentemente leiloadada em benefício de

uma instituição de caridade, também não resistiu ao fogo.

— Damien está inconsolável com a perda, mas ficou aliviado porque ao menos ninguém saiu ferido do incêndio — disse um de seus assessores. Em entrevista ao jornal "Guardian", o marchand de Heron, Leslie Waddington, deu uma medida de queo grande foi a perda ao dizer que alguns dos trabalhos de seu cliente, incluindo os dois quadros vendidos nos últimos anos de vida, eram as pinturas mais importantes produzidas por um artista britânico no século XX.

Por meio de um porta-voz, Saatchi disse estar profundamente chocado:

— Muitos dos trabalhos perdidos eram alguns dos favoritos de Mr. Saatchi e são obras que ele considera insubstituíveis. É uma perda irreparável para a arte britânica.

Outra perda bastante lamentada foi a de "Gente com quem já dormi 1963-1995", uma polêmica obra de Tracy Emin (basicamente uma tenda com nomes de supostos 102 parceiros sexuais). A artista, mesmo triste, reagiu bem:

— É óbvio que estou chateada, mas estou muito mais preocupada com os iraquianos naquele casamento que foram fuzilados pelos EUA e o fato de que há centenas de pessoas sendo soterradas por lama no Caribe.

Eugene Boyle, diretor da Momart, rebateu qualquer acusação de negligência por parte da empresa no armazenamento das obras. Ele afirmou que os procedimentos de segurança eram constantemente revisados e ressaltou que a companhia jamais tinha sofrido um sinistro do gênero desde sua fundação, em 1971. ■



O DEPOSITO DA MOMART: R\$ 250 milhões destruídos pelo fogo

Padrinho da polêmica

Saatchi abençoou Hirst e os Chapman

• Publicitário de origem iraquiana, famoso pela campanha eleitoral que elegeu Margaret Thatcher, Charles Saatchi gera polêmica como colecionador há 15 anos. Ele foi o primeiro a reconhecer a ambição e o espírito de ruptura de artistas jovens como Damien Hirst, Jenny Saville, Tracey Emin, Marc Quinn e os irmãos Dinos e Jake Chapman, entre outros. Eles estavam entrando no mercado quando, em 1989, Saatchi começou a adquirir suas primeiras obras. Quase duas décadas depois, quando esta arte provocativa cruzou fronteiras sob a etiqueta de Young British Artists (YBA), o grupo, valorizadíssimo, formava o grosso de sua coleção. Mas ele também tinha peças mais austeras, com a assinatura de artistas como Rachel Whiteread, cuja obra foi exibida no Museu de Arte Moderna do Rio no ano passado. Sob as bênçãos de Saatchi, bonecos mutilados e vacas serradas ao meio ganharam respaldo. A queima de seu acervo fez com que boa parte da memória da arte feita entre o fim do século passado e o início deste virasse pó. (Daniela Neme) ■

Jabuti divulga os finalistas de 2004

Chico, Carvalho e Rubem Fonseca estão entre os 184 autores selecionados

Daniela Birman

S e os novos critérios de escolha do Jabuti — com outra cronologia, seu inédito Guia de Orientação aos Jurados e distribuição de notas por questões — tornaram o prêmio concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) mais justo, essa é uma discussão que dá muito pano para mangas. Mesmo assim o prêmio continua a chamar a atenção do mercado editorial. Quarta-feira, a CBL promoveu uma tarde de apuração, pela primeira vez aberta ao público, na qual foram divulgados os 184 finalistas das 17 categorias do Jabuti 2004. Estão entre eles Chico Buarque, Rubem Fonseca, Bernardo Carvalho e Marçal Aquino.

Haverá ainda duas etapas: uma nova apuração, com a revelação dos três primeiros lugares de cada categoria, no dia 5 de julho; e uma cerimônia de entrega dos troféus, provavelmente em agosto ou setembro, quando finalmente serão revelados os livros do ano em ficção e em não ficção. Ao todo, concorreram 2.374 títulos, número recorde do Jabuti. Na categoria romance, sempre uma das mais nobres, há autores e títulos de peso ao lado de outros menos conhecidos. Chico Buarque e Rubem Fonseca estão concorrendo com Ruy Câmara, o autor de "Cantos de outono", em que conta a história de Laurifremont, e com a autora de "Lim beijo de Colômbia", Adriana Lisboa, recentemente premiada em Portugal. Bernardo Carvalho, entre os finalistas com "Mongólia", está quase se tornando um *darling* dos prêmios literários. No ano passado, foi vencedor, com Dalton Trevisan, do disputadíssimo Portugal Telecom, por seu "Novos noites", que também ficou entre os três finalistas do Jabuti 2003. Além disso, teve "Mongólia" já escolhido como melhor romance de 2003 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (Apca). Rubem Fonseca foi consagrado em 2003 com os importantes prêmios Camões e Juan Rulfo, ambos pelo conjunto da obra, e ganhou o Jabuti de contos e crônicas por "Pequenas criaturas".

Nas categorias contos e crônicas, entre os escolhidos estão João Gilberto Noll, com "Mimios múltiplos comuns"; Sérgio Sant'Anna, com "O voo da madrugada"; Marçal Aquino, com "Famílias terrivelmente felizes"; e José Castello, com "Melhores crônicas". "O voo da madrugada" foi considerado o melhor livro de contos de 2003 pela Apca. Na poesia, estão entre os finalistas Alexei Bueno, com "Poesia reunida"; Marco Lucchesi, com "Sphera"; Paulo Henriques Britto, com "Macau"; e Álvaro Alves de Faria, com "Trajetória poética — Obra reunida".

Rachel de Queiroz, Gullar e Ana Maria Machado

Rachel de Queiroz, que faleceu ano passado, está sendo lembrada no Jabuti deste ano com a seleção de "Memórias de menina" para os finalistas de literatura infantil ou juvenil. Outros autores escolhidos são Ana Maria Machado, que concorre com dois títulos ("Portinholas" e "Abrindo caminho"); Ferreira Gullar, Rosa Amanda Strausz e Ziraldo. A literatura infantil foi consagrada nos dois últimos Jabutis, quando Arthur Nestorovski e Manoel de Barros ganharam o grande prêmio, de Livro do Ano.

Além da distribuição de troféus para os três primeiros colocados de cada categoria, o primeiro lugar de cada uma delas ganha mil reais e os dois vencedores do Livro do Ano, R\$ 15 mil, cada um. ■

► NO GLOBO ONLINE: Veja a lista dos indicados ao prêmio. www.oglobo.com.br/cultura



BERNARDO CARVALHO: o novo "darling" dos prêmios literários

Autores na disputa

- **ROMANCE:** "Budapest" (Cia das Letras), de Chico Buarque; "Cantos de outono" (Record), de Ruy Câmara; "Diário de um pescador" (Cia das Letras), de Rubem Fonseca; "Um beijo de Colômbia" (Rocco), de Adriana Lisboa; "Mongólia" (Cia das Letras), de Bernardo Carvalho; "Pérolas absolutas" (Record), de Heloisa Seixas; "A margem invisível do rio" (L&PM), de Luiz Antônio de Assis Brasil; "Araú" (Hedra), de Evandro A. Ferreira; "À tarde da sua ausência" (Cia das Letras), de Carlos H. Cony; e "Ugolino e a perdiç" (Cosac), de Davi Arujucci.
- **CONTOS E CRÔNICAS:** "Mimios múltiplos comuns", de João Gilberto Noll (W11); "O voo da madrugada", de Sérgio Sant'Anna (Cia das Letras); "Famílias terrivelmente felizes", de Marçal Aquino (Cosac); "Melhores crônicas" (Globo), de José Castello; "Bris" (Boitempo), de Lourenço Diafria; "Memórias inventadas" (Planeta), de Manoel de Barros; "Pequenos amores" (Objetiva), de José Roberto Torero; "Montanhas" (L&PM), de Martha Medeiros; "Do B" (Record), de Eugênio Bucci; e "Ilha deserta" — Livros (Publifolha), de vários autores.
- **POESIA:** "Poesia reunida" (Nova Fronteira), de Alexei Bueno; "Sphera" (Record), de Marco Lucchesi; "Macau" (Cia das Letras), de Paulo H. Britto; "Salto velho" (Bartrand), de Fausto Wolff; "Melade da arte" (Cosac), de Marcos Siscar; "Caveira 41" (Cosac), de Age de Carvalho; "Só a noite que amanheça" (Record), de Alphonse de Guimaraens F.; "50 Poemas Escolhidos pelo autor" (Galo Branco), de Anderson Braga Horta; "Máquina de escrever" (N. Fronteira), de Armando Freitas Filho; e "Trajetória Poética" (Escrituras), de Álvaro Alves de Faria.

GUIARRAS NO RIO... TEIO • Continuação da página 1

Sting e Ivete cantam na noite mais procurada

Cerca de 200 mil ingressos já foram vendidos; Medina diz que objetivo é 380 mil

Apesar de atrações populares como Britney Spears, Alicia Keys, Foo Fighters, Evanescence e Metallica, o dia mais procurado até agora é o último, de Sting, Ivete Sangalo e do ídolo pop português Pedro Abrunhosa e seu Bandemônio, que encerrará o festival.

— Também fiquei surpreso com essa procura pelo Sting — confessa Medina. — É uma prova das diferenças entre o público brasileiro e o português. Depois do último dia, os mais procurados são os dois de rock pesado, principalmente por causa do Evanescence, dia 30, e do Metallica, dia 4.

Europa começa uma semana depois do festival

Até dois dias antes do começo, os portugueses — e certamente alguns espanhóis, brasileiros e turistas, que devem encher a cidade para o festival e para a Eurocopa, que começa uma semana depois — tinham comprado cerca de 200 mil ingressos. — Nosso objetivo é vender em torno de 380 mil, o que daria uma média de pouco mais de 60 mil pessoas por noite — diz o produtor. — Isso já fará do Rock in Rio — Lisboa o maior festival da história, depois do Rock in Rio brasileiro. Colocamos cem mil ingressos à venda para cada dia. — diz ele. — É impossível não ficar um pouco nervoso, principalmente há tanto tempo longe de casa. Para garantir, ele trouxe um amuleto: a menina Holly May, hoje com 9 anos, repetirá o gesto de tocar o sino, marcando o início dos três minutos de silêncio e pedindo paz. ■



ROBERTO MEDINA: quarto RIR

ca Roberto Medina. McCartney começou sua turnê terça-feira, em Gijón, na Espanha, e, além da histeria beatlemana habitual, provocou uma pane no sistema de telefonia celular da cidade: todos tiveram a ideia de dividir um pouco do show com um amigo e ninguém se ouviu.

Apesar do tamanho menor em relação às edições brasileiras — em 2001, eram 250 mil ingressos postos à venda por noite — e da facilidade de se pagar os custos apenas com a venda de ingressos (que custam 53 euros, cerca de R\$ 200), Medina diz que a apreensão é a mesma de sempre.

— Quero ver quanta gente vem, se tudo vai funcionar, essas coisas — diz ele. — É impossível não ficar um pouco nervoso, principalmente há tanto tempo longe de casa. Para garantir, ele trouxe um amuleto: a menina Holly May, hoje com 9 anos, repetirá o gesto de tocar o sino, marcando o início dos três minutos de silêncio e pedindo paz. ■

► NO GLOBO ONLINE: Veja a programação completa do Rock in Rio. www.oglobo.com.br/cultura

